

Um dedo na ferida. Um balanço [necessário] sobre a discussão de gênero no Brasil através dos eventos especializados em Arquitetura e Urbanismo, 1986-2023

José Carlos Huapaya Espinoza, Laís S. Cerqueira e Ruhana S. Falcão

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; CERQUEIRA, Laís S.; FALCÃO, Ruhana S.. Um dedo na ferida. Um balanço [necessário] sobre a discussão de gênero no Brasil através dos eventos especializados em Arquitetura e Urbanismo, 1986-2023. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, e 484, out 2024

data de submissão: 22/03/2024

data de aceite: 01/10/2024

José Carlos HUAPAYA ESPINOZA é Doutor em Arquitetura e Urbanismo; professor da Universidade Federal da Bahia; joseespinoza@ufba.br

Laís S. CERQUEIRA Doutoranda em Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia; bolsista CAPES e membro do Laboratório da Arquitetura e do Urbanismo do século XX (LAB20) do PPGAU-UFBA; cerqueira.s.lais@gmail.com

Ruhana S. FALCÃO é Mestranda em Arquitetura e Urbanismo; bolsista FAPESB e membro do Laboratório da Arquitetura e do Urbanismo do século XX (LAB20) do PPGAU-UFBA; ruhanafalcao@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal realizar um balanço sobre a presença da temática de gênero em três importantes e consolidados eventos realizados no Brasil, no período de 1986 a 2023: o ENANPUR, o SHCU e o ENANPARQ. Nesse contexto, algumas questões-chave nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, como: no caso desses eventos, como a questão de gênero vem sendo abordada? A partir de quando essa questão aparece? Qual o espaço que vem sendo dado a essa temática? Quais perspectivas são favorecidas ou discutidas? Para respondê-las, foram examinados todos os anais dos eventos mencionados, selecionando os trabalhos que tinham como centralidade a discussão de gênero, os quais nos ajudaram a definir categorias de análise específicas. A investigação realizada revelou que a discussão sobre gênero no campo da arquitetura e do urbanismo no Brasil é relativamente nova e não tem, provavelmente, mais do que cinco anos; ou seja, ela se torna mais consistente, recorrente e contundente a partir de 2020, quando iniciou a pandemia de COVID-19 que, paradoxalmente, impulsionou a realização de Encontros, Seminários, Conferências, Lives e Mesas Redondas virtuais. Com relação à análise dos eventos podemos afirmar que duas abordagens vêm sendo privilegiadas: o enfoque histórico e a relação do gênero com o urbanismo.

Palavras-chave: Eventos especializados, gênero, ENANPUR, SHCU, ENANPARQ.

Abstract

The main aim of this article is to take stock of the presence of gender issues at three important and consolidated events held in Brazil between 1986 and 2023: ENANPUR, SHCU and ENANPARQ. In this context, some key questions guided the development of this research, such as: in the case of these events, how has the issue of gender been addressed? When does this issue appear? What space has been given to this issue? Which perspectives are favored or discussed? In order to answer these questions, we examined all the proceedings of the events mentioned, selecting the papers that focused on the discussion of gender, which helped us to define specific categories of analysis. The investigation revealed that the discussion of gender in the field of architecture and urbanism in Brazil is relatively new and is probably no more than five years



old; in other words, it has become more consistent, recurrent and forceful since 2020, when the COVID-19 pandemic began which, paradoxically, boosted the holding of virtual Meetings, Seminars, Conferences, Lives and Round Tables. Regarding the analysis of the events, we can say that two approaches have been favored: the historical approach and the relationship between gender and urbanism.

Keywords: Specialized events, gender, ENANPUR, SHCU, ENANPARQ.

Resumen

El objetivo principal de este artículo es hacer un balance de la presencia de las cuestiones de género en tres importantes y consolidados eventos celebrados en Brasil entre 1986 y 2023: ENANPUR, SHCU y ENANPARQ. En este contexto, algunas preguntas clave guiaron el desarrollo de esta investigación, tales como: en el caso de estos eventos, ¿cómo se ha abordado la cuestión de género? ¿Cuándo aparece esta cuestión? ¿Qué espacio se le ha dado? ¿Qué perspectivas se han favorecido o debatido? Para responder a estas preguntas, examinamos todas las actas de los eventos mencionados, seleccionando las ponencias que se centraban en la discusión del género, lo que nos ayudó a definir categorías específicas de análisis. La investigación reveló que la discusión de género en el campo de la arquitectura y el urbanismo en Brasil es relativamente nueva y probablemente no tenga más de cinco años; es decir, se ha vuelto más consistente, recurrente y contundente a partir de 2020, cuando comenzó la pandemia del COVID-19, que paradójicamente impulsó la organización de Encuentros, Seminarios, Conferencias, Lives y Mesas Redondas virtuales. En cuanto al análisis de los eventos, podemos decir que se han favorecido dos enfoques: el histórico y la relación entre género y urbanismo.

Palabras-clave: Eventos especializados, género, ENANPUR, SHCU, ENANPARQ.

Introdução. Os eventos especializados em arquitetura e urbanismo no Brasil.

É possível afirmar que a discussão sobre gênero no campo da arquitetura e do urbanismo no Brasil é relativamente nova e não tem, provavelmente, mais do que cinco anos; ou seja, ela se torna mais consistente, recorrente e contundente a partir de 2020. Isto não quer dizer, no entanto, que essa temática não tenha sido abordada antes desse ano em outros eventos, mas o que pode ser observado é que os poucos casos encontrados são pontuais, pulverizados e não estavam ligados ou fundamentados, necessariamente, a um viés teórico. Trata-se de importantes contribuições que tensionam a historiografia a partir de um enfoque feminino, valorizando e trazendo à luz um conjunto significativo de arquitetas e urbanistas, de pensamentos e de obras que nos ajudam a repensar a própria formação do nosso campo.

Dentre alguns dos eventos que ocorreram até 2019, é possível citar o *Encontro Internacional Onde estão as mulheres arquitetas?* em São Paulo, em maio de

2017¹, o 13º Seminário Docomomo_Brasil e o *Colóquio Mulher, Cidade e Arquitetura*, ambos realizados em outubro de 2019, em Salvador. O primeiro foi resultado de uma série de provocações surgidas, naquele momento, a partir de dados divulgados pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR); um deles em particular chamou a atenção: qual o significado de 62% dos profissionais registrados serem mulheres?² Com isto questionava-se sobre o protagonismo feminino diante de um panorama bastante contraditório e revelador. O segundo evento, dois anos depois, constituiu-se em uma primeira possibilidade de aproximar pesquisadoras e pesquisadores brasileiros que vinham trabalhando sobre essa temática de forma isolada.³ Já o terceiro, vem se constituindo no mais importante evento especializado nesta temática após a realização de mais duas edições, a segunda realizada em março de 2021 (de forma virtual em Brasília em plena pandemia), e a terceira realizada em 2022, de forma presencial em Salvador.⁴

O início da pandemia de COVID-19 no Brasil em março de 2020 e as restrições de isolamento que se estenderam até 2021, paradoxalmente, não só impulsionaram o acontecimento virtual de Encontros, Seminários, Conferências, Lives, Mesas Redondas, etc.⁵ específicos; mas, fundamentalmente, permitiram a aproximação e discussão sobre gênero no campo da arquitetura e urbanismo não só articulando e fortalecendo redes de pesquisa nacionais, mas, também, aproximações com redes internacionais.

A partir desse contexto, algumas questões-chave nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, dentre elas: no caso de eventos consolidados da área, como a questão de gênero vem sendo abordada? A partir de quando essa questão aparece? Qual o espaço que vem sendo dado a essa temática? Quais perspectivas são favorecidas ou discutidas? Assim, este artigo coloca-se com o objetivo de responder esses questionamentos e realizar um balanço sobre a presença ou não dessa temática em três importantes e consolidados eventos da área realizados no Brasil: os *Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional* (ENANPUR) realizados desde 1986 com 20 edições; os *Seminários de História da Cidade e do Urbanismo* (SHCU) criados em 1990 com 17 edições; e os *Encontros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo* (ENANPARQ) organizados desde 2010, com 7 edições⁶.

¹ Ao respeito desse Encontro ver: MATOS; SANTIAGO (2017).

² Ao respeito ver: CAU/BR (2017).

³ No Seminário foi formada a sessão temática "As mulheres na arquitetura" com participação de pesquisadoras que haviam feito parte, anteriormente, no Encontro Internacional de 2017.

⁴ Nesta terceira edição o Encontro passou a denominar-se "Seminário Mulher, Cidade e Arquitetura"

⁵ Esses eventos têm perfis diversos, tendo sido organizados por grupos de pesquisa, organizações profissionais etc.

⁶ Sabe-se que as possibilidades de campos de estudos são vastas incluindo revistas, livros, dissertações, teses e outros eventos importantes, mas entende-se que um artigo não dará conta de revisar todos os campos de estudos disponíveis em arquitetura e urbanismo, e que este produto é um exemplo de pesquisa que pode instigar e inspirar novas discussões, estudos e pesquisas sobre esta temática.

⁷ As últimas edições do SHCU e do ENANPARQ foram realizadas em 2022, ou seja, dentro do recorte temporal do ENANPUR.

⁸ Entende-se aqui por “Comunicações” os trabalhos submetidos para avaliação e que foram, posteriormente, organizados em sessões temáticas ou similares. Não leva-se em consideração Mesas Temáticas específicas que, no geral, se constituem em um conjunto de trabalhos previamente organizados e submetidos, pelo menos, por uma/um proponente. Ainda, chama a atenção de que alguns eventos tiveram trabalhos somente aprovados para publicação em anais, estes não foram considerados.

⁹ Essas categorias tiveram como base aquelas propostas por Huapaya Espinoza (2023, p. 171-172). A categoria “Outras” diz respeito a comunicações que versam sobre temas como arte, ensino e pedagogia, mercado de trabalho, espaço privado, violência, representação feminina, feminismo, ecologia, mobilidade, dentre outros temas mais específicos.

O recorte temporal estudado, então, corresponde a um total de 38 anos, levando em consideração o I e o XX ENANPUR realizados em 1986 e 2023, respectivamente⁷. Evidentemente, existem outros eventos como os Seminários Docomomo (nacional ou regionais) e os Seminários Urbanismo e Urbanistas no Brasil, só por citar alguns, que também são referenciais; no entanto, acreditamos que eles são bem mais específicos e nosso interesse, ao contrário, é apostar em eventos que permitam uma visão mais ampla do campo, além da possibilidade de interfaces com outras áreas de conhecimento.

A respeito da metodologia utilizada, esta levou em consideração a identificação, seleção e análise das comunicações⁸ publicadas nos anais dos três eventos selecionados. Diante do volume significativo destas, optamos por utilizar alguns critérios específicos como: a presença nos títulos, subtítulos e palavras-chave dos termos “mulher”, “gênero” ou “feminismo”. Os trabalhos que apresentaram algumas destas características foram colocados em tabelas e pastas específicas para serem identificados e avaliados até que ponto, e de que forma, a temática era ou não central. A partir desta seleção, foi possível definir cinco categorias de análise: “Enfoque Histórico”, “Gênero e Urbanismo”, “Gênero e Arquitetura”, “Gênero e Raça” e “Outras”⁹ (ver Anexos). Essa decisão foi fundamental para entender e responder a alguns dos questionamentos acima apontados.

É importante, no entanto, apontar para alguns desafios e problemáticas enfrentadas, principalmente levando em consideração que cada um desses eventos possui perfis diversos e, conseqüentemente, temáticas e abordagens específicas. Porém, uma dificuldade veio à tona ao longo das análises: muitos desses eventos foram mudando suas lógicas internas e incorporando diferentes espaços de discussão, desde conferências, sessões temáticas, mesas temáticas, apresentação de pôsteres etc. Entende-se, por um lado, que isto responde ao crescimento do número de participantes; mas, por outro, à necessidade de criar espaços específicos de debate. Assim, optou-se por centrar na análise comunicações aprovadas e apresentadas; quer dizer, nos trabalhos que de fato tiveram espaço nos eventos já que se compreende que esta é uma forma de visibilização efetiva da temática que nos interessa neste artigo.

Outra questão que merece ser esclarecida é a forma como as comunicações aparecem nos Anais. Da mesma forma que no caso anterior, nas primeiras edições

do ENANPUR e do SHCU a “estrutura” delas não segue um modelo de *template*, bastante comum hoje. Pelo contrário, algumas poderiam ser consideradas somente como resumos, resumos expandidos ou em outros casos, o próprio texto.

Além disso, apesar do foco deste artigo não ser a análise de cada um dos trabalhos em sua totalidade, compreende-se a interseccionalidade como conceito importante no direcionamento de como as diversas questões sociais como raça, gênero, classe, nacionalidade, faixa etária, entre outras, se relacionam e interferem entre si na sociedade e nas experiências pessoais (COLLINS, BILGE, 2021). Desta forma, é possível observar que os textos selecionados, mesmo sem apresentar diretamente a palavra no título, vão abordar sobre estas relações no estudo da produção arquitetônica e urbana.

No total foram levantadas e analisadas 8.519 comunicações, no entanto, este número pode ter algumas variações uma vez que em alguns casos foram encontradas inconsistências no material base utilizado¹⁰. De fato, e em especial nos eventos mais antigos, existem informações desconhecidas considerando os Anais (impressos e/ou digitais), Cadernos de Resumos e as Programações detalhadas. Isto, no entanto, não impactou de maneira significativa a análise como será visto mais adiante.

O pioneirismo pela interdisciplinaridade. A discussão do gênero nas 20 edições do ENANPUR.

O Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR) é um evento organizado pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR)¹¹ desde 1986¹². O ENANPUR foi o pioneiro no que diz respeito à promoção e troca de experiências do trabalho científico no campo dos estudos urbanos e do planejamento urbano e regional no país, agregando estudantes de graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores. Durante as 20 edições do evento, houve trabalhos que se dedicaram a refletir e avaliar o ENANPUR entendendo suas mudanças ao longo do tempo, assim como temáticas escolhidas para discussão¹³.

A principal forma de identificação dos trabalhos apresentados no ENANPUR foram os Anais, visto que os Cadernos de Resumos e as Programações detalhadas não foram apresentados em todos os eventos de

¹⁰ Como já é sabido, imprevistos podem acontecer ao longo da realização dos eventos, na impressão da programação, etc. o que pode justificar essas divergências.

¹¹ A ANPUR é uma associação sem fins lucrativos que tem o objetivo de incentivar o ensino, a ciência e a pesquisa no campo do conhecimento dos estudos urbanos e regionais e do planejamento urbano e regional; divulgar e fomentar a troca de experiência de informações vinculadas a estas áreas do conhecimento e promover reuniões científicas objetivando o intercâmbio de informações (ANPUR, 2024).

¹² O evento acontece a cada dois anos e, até o momento, foram realizados em: I ENANPUR (Nova Friburgo, 1986), II ENANPUR (Terresópolis, 1987), III ENANPUR (Águas de São Pedro, 1989), IV ENANPUR (Salvador, 1991), V ENANPUR (Belo Horizonte, 1993), VI ENANPUR (Brasília, 1995), VII ENANPUR (Recife, 1997), VIII ENANPUR (Porto Alegre, 1999), IX ENANPUR (Rio de Janeiro, 2001), X ENANPUR (Belo Horizonte, 2003), XI ENANPUR (Salvador, 2005), XII ENANPUR (Belém - PA, 2007), XIII ENANPUR (Florianópolis - SC, 2009), XIV ENANPUR (Rio de Janeiro - RJ, 2011), XV ENANPUR (Recife, 2013), XVI ENANPUR (Belo Horizonte, 2015), XVII ENANPUR (São Paulo, 2017), XVIII ENANPUR (Natal, 2019), XIX ENANPUR (Blumenau, 2022, virtual) e XX ENANPUR (Belém, 2023).

¹³ Dentre eles pode-se destacar o trabalho de Ana Fernandes e Marco Aurélio A. Filgueiras Gomes, intitulado “História da cidade e do urbanismo no Brasil: reflexões sobre a produção recente” publicado na Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (a. 56, n. 2, de 2004). Também pode-se citar a comunicação de Christiane Fabíola Momm, Marcos Antônio Mattedi e Raphael Junhity Nakirimoto intitulada “A distribuição espacial dos eventos Enanpur e SIDR - UNISC e a comunicação científica na área do desenvolvimento regional” publicado no XVI ENANPUR (2015).

¹⁴ Alguns anais não apresentavam todas as informações pontuadas nas pesquisas e alguns eventos faziam a distinção entre trabalhos publicados e trabalhos apresentados, como no XVIII ENANPUR.

¹⁵ O XVIII ENANPUR foi que teve mais trabalhos apresentados, totalizando 874, já o III ENANPUR foi o que apresentou a menor quantidade de trabalhos, totalizando 54.

forma completa. Assim, o levantamento de trabalhos sobre gênero foi realizado a partir de informações como: título, resumo e palavras-chave¹⁴. Em todas as edições, foram analisados um total 5.184 comunicações¹⁵ e desse universo foram selecionados apenas 59 trabalhos que abordam a temática estudada, representando 1,1% do total (Gráfico 01). No que se refere à autoria destas comunicações, 96,6% foram escritas por mulheres, o que indica o protagonismo e engajamento feminino a respeito da temática.

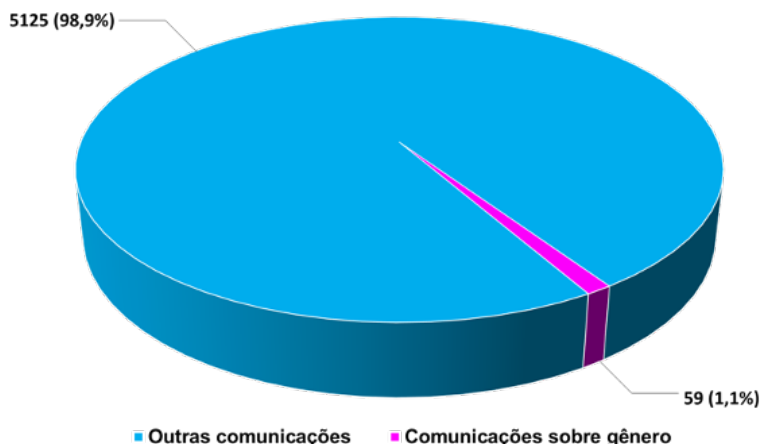


Gráfico 1
 Percentual de comunicações sobre gênero apresentadas em todas as edições dos ENANPUR. Fonte: Elaboração das autoras, 2024

¹⁶ A depender do ano em que os anais foram analisados, as sessões temáticas tiveram nomenclaturas distintas como Grupos de Trabalho, Subtema, Sessão, dentre outros.

¹⁷ A quantidade de sessões temáticas foi aumentando consideravelmente. No II ENANPUR foram encontradas oito sessões temáticas, enquanto no XX ENANPUR foram 14 sessões temáticas, sendo que tiveram eventos com mais de 15 sessões temáticas.

¹⁸ Isto aconteceu no XVIII ENANPUR, no qual o tema estava dentro da sessão temática 13 - "Abordagens Sobre a Cidade e o Urbano" no Subtema 12 "A Mulher na Cidade"; no XVII ENANPUR na sessão temática nove - "Novos Movimentos e Estratégias de Luta Urbana e Regional", no subtema três - "Feminismos, corpo e alteridade" e; no XVI ENANPUR dentro da sessão temática dez - "Emergências no campo dos estudos urbanos e regionais" no subtema quatro - "Subjetividade, gênero + cidade".

Em relação à divisão das comunicações nos eventos, pode-se perceber que desde o II ENANPUR, os trabalhos já eram divididos por sessões temáticas¹⁶, demonstrando quais assuntos estavam mais em discussão naquele momento histórico. Ao longo dos anos, novos temas foram sendo incorporados e as sessões temáticas foram mais detalhadas, apresentando subseções¹⁷. A primeira e única vez que o tema de gênero foi proposto como uma sessão temática, e não somente como uma subseção¹⁸, foi no XX ENANPUR (2023), a qual foi intitulada "Gênero, etnia e diversidade no campo e na cidade".

Dentre os trabalhos de gênero selecionados, vale a pena destacar duas comunicações que aparecem em dois momentos diferentes do ENANPUR, já que são dois trabalhos que fogem às temáticas pautadas pelos eventos da época e porque quebram uma sequência em que não há trabalhos apresentados relacionados à gênero. O primeiro em 1997, no VII ENANPUR intitulado "Desenvolvimento local a partir de uma perspectiva de gênero" de Moema de Rezende Vergara; e o segundo em 1999, no VIII ENANPUR intitulado "Histó-

ria Urbana na França e no Brasil: estudo comparativo e ensaio interpretativo das relações sociais de gênero no meio urbano” de Françoise Dominique Valéry.

Diante deste cenário, foi possível perceber que, apesar de o debate de gênero já ter aparecido no ENANPUR nesses dois anos, isso não significou que esta questão fosse pautada pelos pesquisadores desde essa época. Isto pode ser avaliado a partir do desaparecimento da temática nos três anos seguintes, e a pequena quantidade de trabalhos que foram apresentados nos dois anos subsequentes (apenas um trabalho em cada ano, em 2007 e 2009). Estas duas comunicações revelam também a interdisciplinaridade do evento, agregando pesquisadores, professores, interessados e estudantes de diversos campos do conhecimento distintos do urbanismo, como história, antropologia, geografia e sociologia.

Outro ponto é a questão da interseccionalidade que no Brasil, naquele momento histórico, não era tão discutida¹⁹ como tal, mas que já apontava para a necessidade de entender que os debates sobre gênero estão associados às relações econômicas, políticas e culturais, social e historicamente constituídas. No que se refere à emergência da temática, é possível perceber que houve um aumento na quantidade de trabalhos a partir do XVI ENANPUR, mas o ponto de virada ocorreu apenas em suas duas últimas edições, nos anos de 2022 e 2023²⁰ (Gráfico 2), o que pode revelar uma tendência de ampliação dessa abordagem na produção dos próximos anos²¹.

¹⁹ Aponta-se o aparecimento do termo interseccionalidade para meados da década de 1980 e 1990 nos Estados Unidos, sendo a jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, em 1989, quem o cunhou (KYRILLOS, 2020). No Brasil, observa-se que Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento já utilizavam a visão interseccional em suas reflexões, mas não com um termo específico (CASEMIRO, SILVA, 2021), conforme o texto de Lélia Gonzalez “Racismo e sexismo na cultura Brasileira”, que foi escrito em 1984.

²⁰ A partir do XIV ENANPUR teve pelo menos dois trabalhos desta temática até o XVIII ENANPUR, que apresentou um salto quantitativo com o total de 15 comunicações. Nos anos subsequentes esse número foi para dez (XIX ENANPUR) e 16 comunicações (XX ENANPUR).

²¹ Importante perceber que dois de três casos em que houve um aumento significativo do número de trabalhos sobre gênero, a temática do evento remeteu a um olhar diferente e múltiplo sobre questões urbanas. Pode-se notar isso no tema do XX ENANPUR que foi “ANPUR 40 anos: novos tempos, novos desafios em um Brasil diverso” e no XVIII ENANPUR que foi “Tempos em/de transformação – utopias”. O XIX ENANPUR que teve como tema “Planejando o Urbano e o Regional – Organizando a Esperança” aconteceu de forma totalmente virtual, o que, por sua particularidade, pode ter gerado uma diminuição

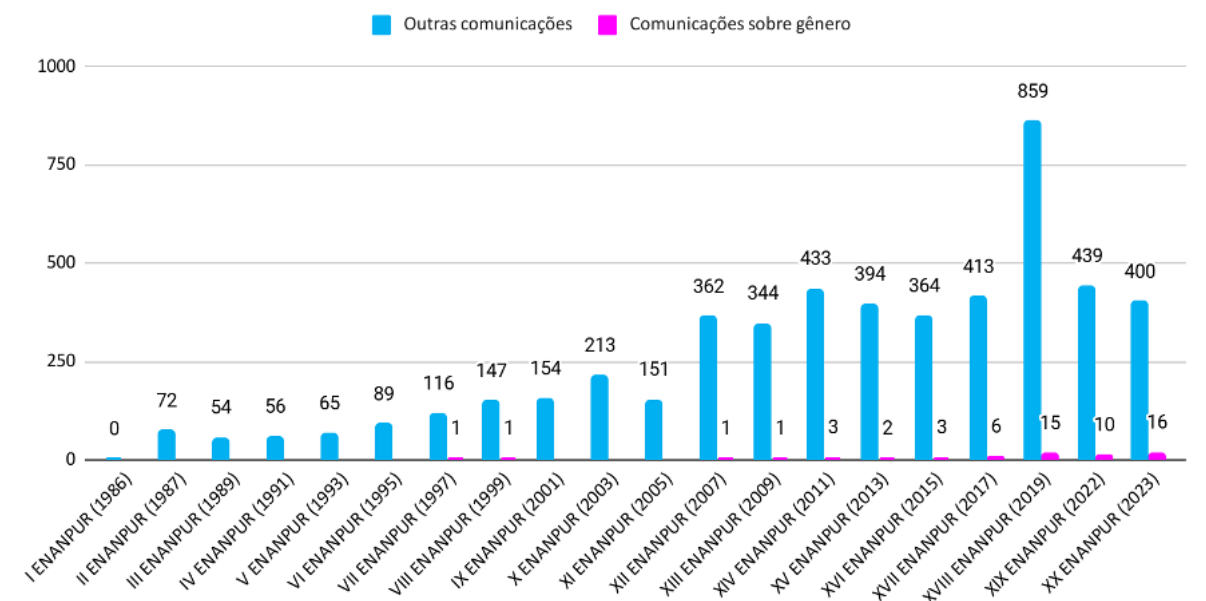


Gráfico 2
Comunicações sobre gênero apresentadas nas 20 edições do ENANPUR
Fonte: Elaboração das autoras, 2024

no número de comunicações da temática. Este fato aconteceu também no primeiro trabalho de gênero que apareceu no VII ENANPUR, em 1997, onde o tema foi "Novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento".

²² Ver todos os trabalhos selecionados no Apêndice 01.

No que diz respeito às categorias de análise, foi possível perceber que os trabalhos estão mais voltados ao entendimento da relação de "Gênero e Urbanismo", com mais da metade dos trabalhos apresentados (37 comunicações), seguido de "Enfoque Histórico" (dez), "Outras" (nove), "Gênero e Arquitetura" (dois) e "Gênero e Raça" (um)²². Este panorama evidencia o foco que o evento tem em relação ao urbanismo e planejamento urbano. Dentro da categoria de "Gênero e Urbanismo", tem trabalhos relacionados à mobilidade, território, política, cidade, espaço urbano e habitação; exemplo disso foram a comunicação de Júlia Russi Zanon Daiane e Regina Lopes Sentoma "Mobilidade e vivência de mulheres na cidade de Presidente Prudente/SP: um estudo de caso por meio de percursos urbanos acompanhados" que pautou a questão da mobilidade pela perspectiva de gênero; e o trabalho de Andreza Rohem Gualberto e Silvana Cristina da Silva, "Cidade, gênero e classes sociais" no qual abordam o uso do território urbano na perspectiva das "empregadas domésticas".

Apesar da temática de gênero só começar a ter mais frequência a partir do XVII ENANPUR, em 2017, o evento apresentou uma quantidade significativa de trabalhos nos últimos anos (2019, 2022 e 2023), em comparação com os outros anos, demonstrando a necessidade crescente de abordagem sobre o tema, além de apontar o aumento da integração dos debates de gênero com as questões urbanas e o envolvimento desta temática com outros campos do conhecimento, o que agrega mais comunicações ao evento e, por isso, maior quantidade de trabalhos, fato comprovado pelo pioneirismo no aparecimento da temática no VII ENANPUR, em 1997, a partir do trabalho de uma historiadora.

O silêncio na história. Gênero nos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo (SHCU).

Diversas pesquisadoras e pesquisadores²³ têm se debruçado em relatar, avaliar e balizar os SHCU²⁴ identificando, por exemplo - do ponto de vista estrutural e organizacional - temas-chave, aberturas e incorporação de novas temáticas e abordagens; mas, também - do ponto de vista da sua abrangência - a importância da incorporação de pesquisadores nacionais e estrangeiros de áreas afins tornando os debates mais ricos e diversificados. Isto torna os SHCU o principal evento especializado da área onde não só se discutem questões voltadas para a história da cidade e do urbanismo (como inicialmente proposto), mas também temáticas

²³ Por exemplo: Fernandes; Gomes (1998), Pinheiro; Gomes (2005), Gomes (2009), Feldman (2014) e Huapaya Espinoza (2023).

²⁴ O evento acontece a cada dois anos e, até o momento, foram realizados em: 1º SHCU (Salvador, 1990), 2º SHCU (Salvador, 1993), 3º SHCU (São Carlos, 1994), 4º SHCU (Rio de Janeiro, 1996), 5º SHCU (Campinas, 1998), 6º SHCU (Natal, 2000), 7º SHCU (Salvador, 2002), 8º SHCU (Niterói, 2004), 9º SHCU (São Paulo, 2006), 10º SHCU (Recife, 2008), 11º SHCU (Vitória, 2010), 12º SHCU (Porto Alegre, 2012), 13º SHCU (Brasília, 2014), 14º SHCU (São Carlos, 2016), 15º SHCU (Rio de Janeiro, 2018), 16º SHCU (Salvador, 2021 - virtual), 17º SHCU (Belo Horizonte, 2022).

contemporâneas. Os SHCU servem, assim, de termômetro do interesse por temas específicos em momentos temporais definidos e sua análise, no tempo, nos ajuda a definir um panorama sobre as pesquisas desenvolvidas no país no campo urbano.

Apesar disso, no que se refere à discussão sobre gênero se percebe, ainda, um grande vazio. Ao longo das 17 edições dos SHCU a presença de comunicações com a temática é ínfima. Os únicos oito trabalhos analisados nos permitem identificar três momentos mais ou menos definidos. O primeiro vai de 1990 até 2002 onde aparecem de forma pontual os primeiros trabalhos (quatro); o segundo se inicia em 2004 e se estende até 2018, caracterizado pelo grande silêncio onde não foram encontrados trabalhos e; finalmente, o terceiro momento vai de 2021 até 2022 onde nota-se de novo a presença de comunicações sobre a temática (quatro) (Gráfico 03). Apesar desses trabalhos serem

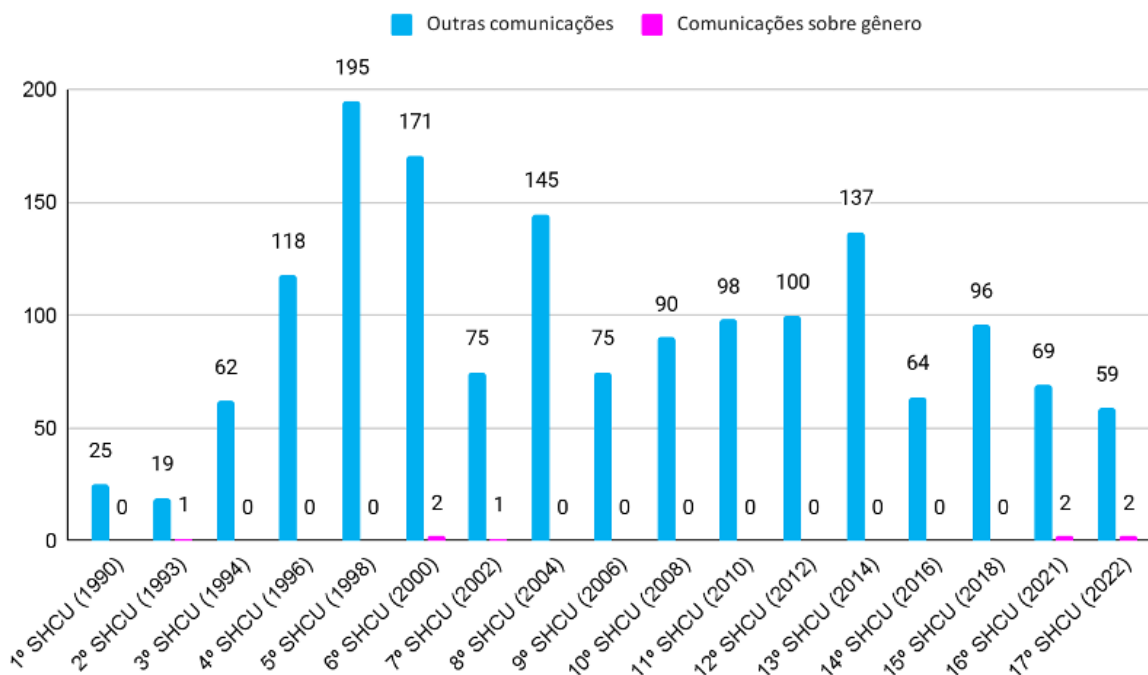


Gráfico 3
 Comunicações sobre gênero apresentadas nas 17 edições dos SHCU
 Fonte: Elaboração das autoras, 2024

minoria (0,4%) em relação ao conjunto de trabalhos apresentados, estes podem ser balizados como referenciais no sentido de seu pioneirismo (Gráfico 04).

Com relação às abordagens pode-se afirmar que grande parte das comunicações traz um enfoque histórico²⁵, como é possível perceber em “La Belle Époque” em Natal: vida cotidiana e práticas sociais na cidade de Natal na década de vinte, numa perspectiva de gê-

²⁵ É claro que os trabalhos apresentam em vários casos aproximação com outras categorias, no entanto, opta-se aqui por destacar aquela mais abrangente. Ver as informações detalhadas no Apêndice 02.

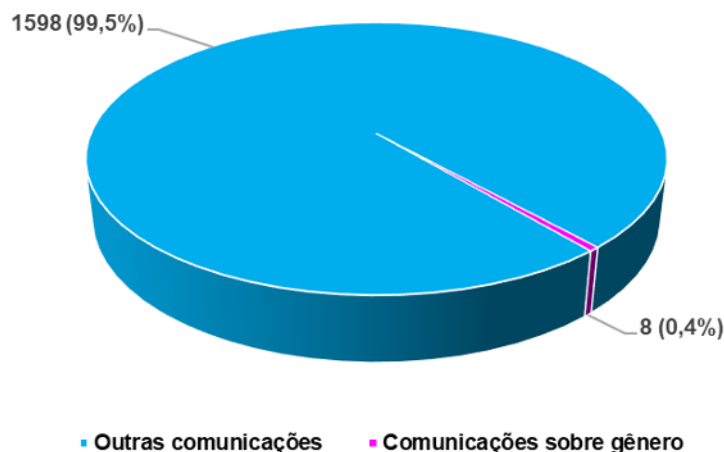


Gráfico 4
Percentual de comunicações sobre gênero apresentadas em todas as edições dos SHCU. Fonte: Elaboração das autoras, 2024

nero” de Françoise Dominique Valéry, “A mulher na cidade de Salvador 1915-1930” de Anete Regis Castro de Araújo e “Mulheres e imóveis urbanos na Vila Boa do século XIX: por outras narrativas de história da cidade” de Nádia Mendes de Moura. Na sequência chamam a atenção os trabalhos sobre gênero e raça “Espaços negros em Salvador no século XIX” de Ana de Lourdes Ribeiro da Costa e “Arquitet@s negr@s e a história: Georgia Brown, a metropolização de São Paulo e seus fantasmas” de Juan Casemiro e José Lira.

Os outros três trabalhos focam na discussão sobre gênero na interface com urbanismo, arquitetura e feminismo, respectivamente. São os seguintes: “Mulheres urbanas” de Wilcevanda de Oliveira Freitas, “A cidade é delas? Ampliando imaginários e perspectivas na prática e no ensino da arquitetura e urbanismo” de Diana Bogado, Carolina Peterli, Ana Caroline Penna e Alyssa Volpini e, “Da formação da casa brasileira e de espaços segregados à construção de narrativas e experiências feministas” de Flávia Nacif da Costa. Como pode ser observado, no caso dos SHCU a grande maioria das comunicações foram escritas por mulheres, o que corresponde a um total de 87,5% (7 trabalhos), sendo que somente foi encontrado um trabalho escrito por pesquisadores homens (12,5%). Ainda sobre esta última questão, chama a atenção o fato de que várias autoras eram graduandas ou estavam realizando cursos de pós-graduação, o que nos indica o estabelecimento de uma nova geração de pesquisadoras interessadas pela temática.

²⁶ Ver: Huapaya Espinoza (2023).

Como já afirmado em outro momento²⁶, apesar desse cenário desalentador, o que pode ser percebido é

que a questão do gênero vem mostrando nos SHCU uma tendência por se tornar mais ampla e diversificada a partir da incorporação de enfoques feministas e de raça, reafirmando as discussões interseccionais no campo.

Menos poderá ser mais? Expectativas e limitações das questões de gênero no ENANPARQ.

Quando se aproxima sobre a história do Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ), iniciado em 2010, percebe-se como a sua trajetória, a mais recente dentre os encontros estudados, foi delineada paralelamente à consolidação da profissão da Arquitetura e do Urbanismo nos moldes contemporâneos, com mais autonomia com relação às engenharias²⁷ e com uma, cada vez mais evidente, presença feminina no campo.

Ao longo desses quase catorze anos de existência, os sete ENANPARQ²⁸ foram responsáveis pelo incentivo de temáticas diversas e pela apresentação e publicação de 1.729 comunicações²⁹ (Gráfico 05), divididas em sessões temáticas, que demonstraram o principal foco de pesquisas acadêmicas entre arquitetos e urbanistas, suas diferentes abordagens e perspectivas, além do surgimento de questões emergentes que indicaram novos caminhos possíveis, novas perspectivas e revisões de caminhos já trilhados.

É nesse cenário que se observa a lenta ampliação da temática de gênero, apenas 1,7% do total de comunicações apresentadas em todo o encontro, de-

²⁷ Ano da criação da Lei que instituiu o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU).

²⁸ O evento acontece a cada dois anos e, até o momento, foram realizados em: I ENANPARQ (Rio de Janeiro, 2010), II ENANPARQ (Natal, 2012), III ENANPARQ (São Paulo, 2014), IV ENANPARQ (Porto Alegre, 2016), V ENANPARQ (Salvador, 2018), VI ENANPARQ (Brasília, 2021 - virtual), VII ENANPARQ (São Carlos, 2022 - virtual).

²⁹ Do I ENANPARQ, II ENANPARQ, III ENANPARQ e V ENANPARQ, foram analisados os anais; do IV ENANPARQ, os anais e programação do evento; do VI ENANPARQ os resumos; e do VII ENANPARQ o caderno de resumos e programação.

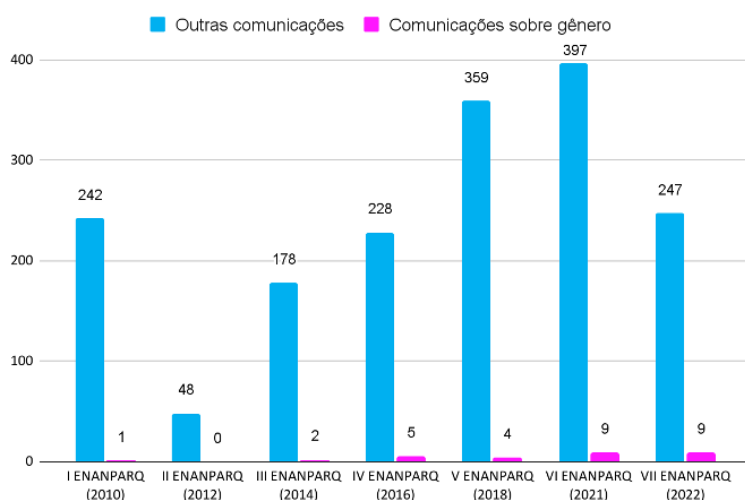


Gráfico 5
Comunicações sobre gênero apresentadas nas 7 edições do ENANPARQ. Fonte: Elaboração das autoras, 2024

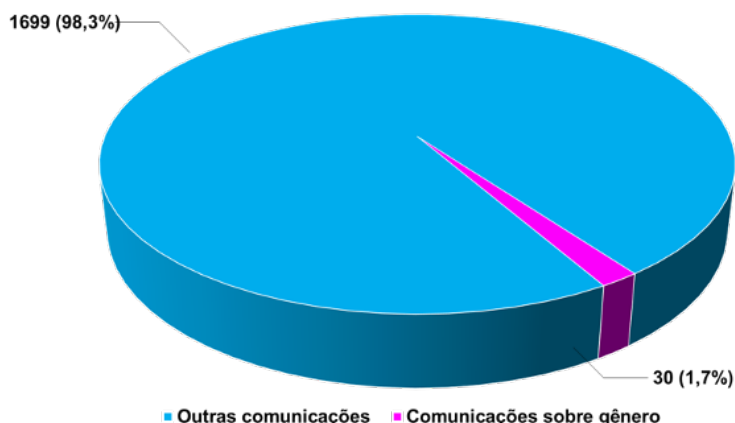


Gráfico 6
Percentual de comunicações sobre gênero apresentadas em todas as edições dos ENANPARQ. Fonte: Elaboração das autoras, 2024

³⁰ Não foram selecionados para essa investigação, mas contribuíram com a temática de gênero: trabalhos dos simpósios temáticos; pôsteres; mesas temáticas; e os trabalhos das sessões temáticas que não foram selecionados para apresentação oral.

³¹ Alguns trabalhos nos deixaram em dúvida sobre sua inclusão, mas não foram selecionados pois verificamos que não focaram nas questões de gênero. São as comunicações do IV ENANPARQ, "Regina Silveira e os anos 1970: a encruzilhada da cultura de massa e do meio urbano no Brasil"; V ENANPARQ, o trabalho "Paisagismo e urbanismo: disciplinas femininas e feministas?"; VII ENANPARQ "O croqui de Lina Bo: em foco igreja Espírito Santo do Cerrado" e "Relações espaciais e raciais no passado e no presente: algumas reflexões".

³² O trabalho foi intitulado "As transformações do espaço doméstico e a contribuição do trabalho feminino na modernização da sociedade brasileira".

³³ O II ENANPARQ tem a particularidade de ter sido o menor dos encontros com relação à quantidade de publicações realizadas, com apenas 48 trabalhos.

monstrando que embora seja possível perceber o seu crescimento ao longo do tempo³⁰, e que ela pareça predominar em discussões informais, permanece mínima em estudos acadêmicos (Gráfico 06). As poucas comunicações encontradas têm sido galgadas por pioneiros pesquisadores e, principalmente, pesquisadoras, quase como se abrissem uma trilha em mata fechada, buscando construir um lugar, parafraseando Virgínia Woolf (2014, p. 98), "todo seu" para o assentamento e cultivo de ideias. Isto se torna claro quando se percebe que dos 30 trabalhos selecionados sobre gênero, 29 foram escritos por mulheres como primeira autora.

Neste sentido, e a fim de ilustrar o percurso da temática de gênero no ENANPARQ³¹, ressalta-se como pontos de inflexão os momentos marcantes que evidenciaram seus avanços, estagnações e retrocessos. No caso do I ENANPARQ, de um universo de 243 comunicações, foi apresentado apenas um trabalho sobre a temática, e a sua discussão centrou-se na análise das mudanças na arquitetura residencial ao longo do tempo, a partir do acesso das mulheres ao mercado de trabalho³².

No II ENANPARQ não houve comunicações apresentadas sobre discussões de gênero³³. Já no III ENANPARQ destacou-se a primeira comunicação como denúncia da desigualdade de gênero, intitulada "Mulheres e o Prêmio Pritzker: estudos de caso", na qual foram analisadas as trajetórias de quatro mulheres premiadas ou colaboradoras do prêmio Pritzker e a forma com que a questão do gênero impactou em seus caminhos.

O IV ENANPARQ foi marcado por dois trabalhos com abordagens interseccionais que apresentaram, pela

primeira vez no encontro, discussões de gênero e raça³⁴. Importante destacar que os trabalhos usaram a interseccionalidade como ferramenta analítica (Collins; Bilge, 2021) ao tratar desde uma perspectiva de gênero, raça e classe, mas não utilizaram o termo em seu conteúdo.

No V ENANPARQ apareceram trabalhos que escancararam a centralidade das questões de gênero através de conceitos como “discriminação de gênero”, “patriarcado” e “inclusão de gênero”³⁵. Iniciaram-se neste encontro, também, os trabalhos sobre “Gênero e Urbanismo”, a principal categoria abordada em todo o ENANPARQ como é possível ver adiante³⁶.

A partir deste ponto os trabalhos tornaram-se mais recorrentes. O VI e VII ENANPARQ incluíram nas apresentações de seus eixos temáticos as indicações para a abordagem da temática de gênero, delimitando o espaço para que as discussões ocorressem³⁷; além disso, contaram com a apresentação da maior quantidade de comunicações sobre o tema, considerando as edições anteriores (nove em cada um), totalizando 18 de um universo de 30 trabalhos selecionados em todo o ENANPARQ. É interessante que nestes dois últimos encontros se tenha falado mais sobre o tema que nas primeiras cinco edições, o que pode apontar para um avanço sobre a temática. Neste sentido, chama-se a atenção para o fato de que ambos foram encontros virtuais e ocorreram durante a pandemia de COVID-19, que impulsionou a ampliação da discussão dentro e fora da academia, como já mencionado.

Já em relação à temática abordada, os trabalhos analisados voltados para “Gênero e Urbanismo” envolveram principalmente discussões sobre planejamento e gestão urbana, imigração e luta política; enquanto “Gênero e Arquitetura” abordou as questões sobre as transformações da arquitetura residencial, o processo de projeto feito por mulheres e para mulheres e a discriminação de gênero no mercado de trabalho da arquitetura; a categoria “Enfoque Histórico” direcionou as suas discussões para a trajetória das profissionais arquitetas ou artistas e para a construção e representação da identidade feminina; em “Gênero e Raça” os trabalhos puseram em foco pautas raciais, ainda que tratando também sobre arquitetura, urbanismo ou a história de trajetórias femininas. Já em “Outras” identificou-se um único trabalho intitulado “Grafites pintados por mulheres no centro de São Paulo: Tarsila como inspiração” que abordou o trabalho artístico de grafite realizado por mulheres³⁸.

³⁴ Referimo-nos aos trabalhos intitulados “Percurso e deslocamentos urbanos de mulheres negras no pós-abolição em São Carlos-SP: entre o espaço público e o doméstico” e “O “quartinho de empregada” e seu lugar na morada brasileira”.

³⁵ Os trabalhos intitulados “Discriminação de gênero em arquitetura: o campo profissional pela perspectiva da mulher arquiteta”, “Métodos de planejamento com perspectiva de gênero: análise de guias para cidades com inclusão de gênero” e “Ideologia e projeto: o patriarcado na cidade”.

³⁶ Quantidade de trabalhos por categoria: 12 em “Gênero e Urbanismo”; nove em “Enfoque Histórico”; cinco em “Gênero e Arquitetura”; três em “Gênero e Raça”; e um em “Outras”.

³⁷ No VI ENANPARQ, o eixo 1 “Projetos, políticas e práticas” e no VII ENANPARQ o eixo 3 “História, historiografia e crítica” indicavam abertura para as discussões, dentre elas gênero e raça.

³⁸ Alguns trabalhos apresentaram a possibilidade de serem escolhidos em mais de uma categoria, mas foram direcionados diante do que se entende ser predominante, com exceção de “Gênero e Raça”, em que todos os trabalhos que envolveram a temática, foram direcionados para ela (Apêndice 03).

Por todo o exposto, com relação às investigações apresentadas em um congresso mais contemporâneo, em um contexto de maiores avanços sociais, descobertas e aprofundamentos sobre a temática de gênero, havia a expectativa de encontrar mais discussões sobre essa questão. Esbarrar com essas limitações gerou indagações sobre a existência de eventuais barreiras e sobre as possibilidades de melhoria desse cenário.

Algumas reflexões finais

É possível constatar, após as análises dos eventos, que a temática de gênero estava sendo pouco discutida. Porém com a pandemia de COVID-19, a obrigatoriedade do confinamento colocou mulheres em risco e em rede, e os problemas da desigualdade de gênero se tornaram impossíveis de serem ignorados. A violência contra mulher, a vulnerabilidade feminina, as questões mais básicas de segurança e direito à vida, retornaram à pauta, com intensidade, ao passo em que outras questões sobre o tema foram sendo resgatadas. Não é possível confirmar que os impactos destas transformações, provocadas a partir da pandemia, já estejam refletidas nos seminários estudados, mas os números demonstram mudanças importantes no mesmo período, nos encontros virtuais, nas temáticas propostas e na quantidade de trabalhos encontrados.

A partir desse balanço temporal, afirma-se que tanto no ENANPUR, quanto no ENANPARQ a temática de gênero aparece em meados de 2017 e se intensifica a partir de 2019; isto, de fato, coincide com o que já foi apontado na introdução deste artigo. Já no SHCU, a quantidade de trabalhos ainda é muito incipiente, e quando comparado com o ENANPARQ, nota-se que a quantidade de comunicações sobre gênero é pouco significativa, sendo praticamente quatro vezes menor, mesmo os dois eventos tendo um número total de trabalhos gerais aproximado (Gráfico 07).

Pode-se perceber, com exceção do ENANPARQ, que os trabalhos apresentados respondem às temáticas de cada um dos eventos. No ENANPUR a categoria "Gênero e Urbanismo" foi a mais presente nas comunicações e, no SHCU a categoria "Enfoque Histórico" se destacou mais; já no ENANPARQ a categoria "Arquitetura e Gênero" foi a que menos apareceu. Por um lado, analisando os eventos de maneira geral, isto revela que os debates sobre arquitetura e gênero não estão sendo muito discutidos, nem mesmo nesse último evento, que é específico de arquitetura; por outro, comprova que a predominância da relação entre "mulher e cidade" tem sido mais evidenciada.

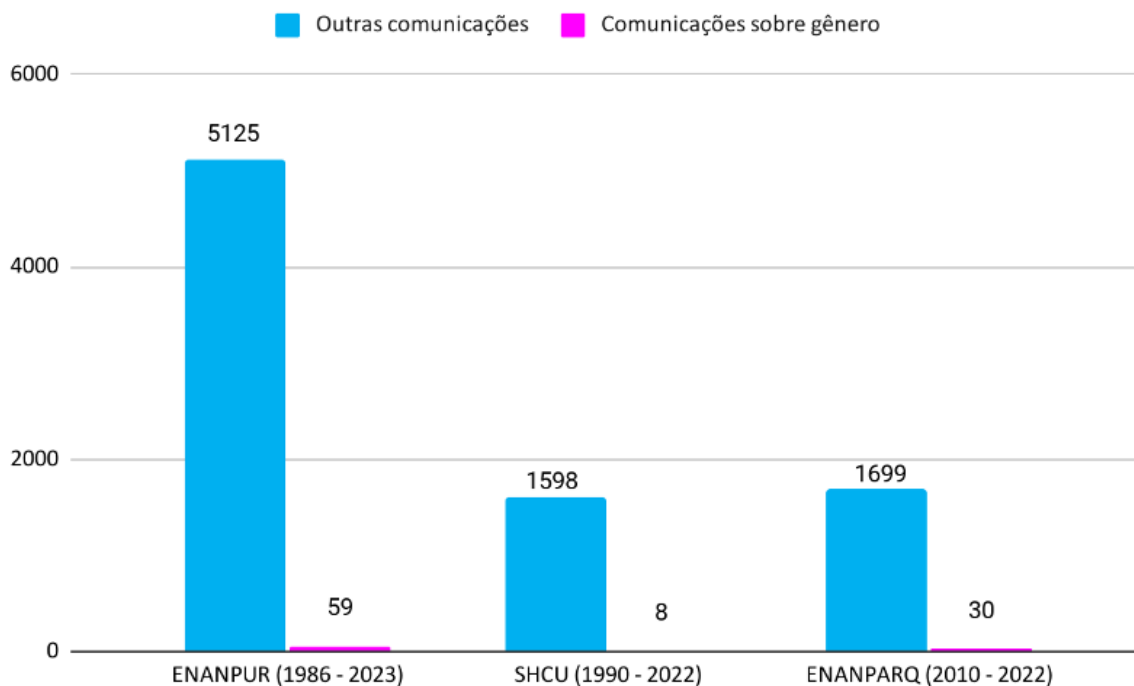


Gráfico 7
Comparativo entre as comunicações totais apresentadas em cada um dos eventos analisados. Fonte:
Elaboração das autoras, 2024

Algumas abordagens específicas começaram a ser vistas nas edições mais recentes dos eventos, como: disputa por território; encarceramento; violência doméstica e; visibilidade feminina. Assim como outras abordagens interseccionais, envolvendo questões de classe e raça, que merecem maior aprofundamento de investigação em trabalhos futuros.

Finalmente, vale a pena mencionar que as análises realizadas neste trabalho podem ser complementadas e ampliadas a partir de outros aspectos e/ou critérios. Sem dúvida, os resultados apontados aqui servem como uma autocrítica para a área da arquitetura e do urbanismo, seja no campo de formação ou profissional, entendendo-os como uma forma de colocar o dedo na ferida para reagir diante de um aparente desinteresse.

Referências

Anais do ENANPARQ (2010-2022)

Anais do ENANPUR (1986-2023)

Anais dos SHCU (1190-2022)

ANPUR. Sobre a Anpur. Disponível em: <<https://anpur.org.br/sobre-a-anpur/>>. Acesso em: 12 fev. 2024.

CASEMIRO, Diego Márcio Ferreira; SILVA, Nathália Lipovetsky. Teorias interseccionais brasileiras: precoces e inominadas. *Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte*, v. 6, n. 2, p. 1-28, 2021. DOI: 10.35699/2525-8036.2021.33357. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revce/article/view/e33357>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CAU/BR. Especial 8 de março: mulheres são maioria no mercado da arquitetura e urbanismo. Publicado em: 08 mar. 2017. Disponível em: <<https://caubr.gov.br/mulheres/>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

FELDMAN, S. Os Seminários de História da Cidade e do Urbanismo: consolidação de linhas de pesquisa e desafios (1990-2012). In: SOUZA, C. F. de (org.). *Ideias em circulação na construção das cidades*. Porto Alegre: Marca Visual/PROPUR/PROPAR, 2014, pp. 19-34.

FERNANDES, A.; GOMES, M. A. A. de F. A pesquisa recente em história urbana no Brasil: percursos e questões. In: PADILHA, N. (org.). *Cidade e urbanismo. História, teorias e práticas*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1998, pp. 13-28.

GOMES, M. A. A. de F. A construção do campo da história urbana no Brasil e a experiência dos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo. In: PONTUAL, V.; LORETTO, R. P. (org.). *Cidade, território e urbanismo. Um campo conceitual em construção*. Recife: CECI, 2009, pp. 33-38.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. Duas reflexões atuais sobre os 30 anos dos Seminários de História da Cidade e do urbanismo (1990-2021). In: JUNIOR, D. L. de A.; VELAME, F. M.; HUAPAYA ESPINOZA, J. C. (org.). *Cidade, Urbanismo, História. 30 anos de Seminários de História da Cidade e do Urbanismo. Tomo I*. Salvador: EDUFBA, 2023, pp. 156-189.

KYRILLOS, Gabriela M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020.

MATOS, P.; SANTIAGO, K. (org.). *Onde estão as mulheres arquitetas?*. São Paulo: Editora Monolito, 2017.

PINHEIRO, E. P.; GOMES, M. A. A. de F. Retraçando percursos: o papel dos Seminários de História da Cidade e do Urbanismo na constituição de um campo de estudos. In: PINHEIRO, E. P.; GOMES, M. A. A. de F. (org.). *A cidade como história. Os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo*. Salvador: EDUFBA, 2005, pp. 19-42.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Apêndice 01 - Relação de comunicações selecionadas sobre gênero no ENANPUR³⁹

ENANPUR	TÍTULO	AUTOR/ AUTORES	CATEGORIA
VII ENANPUR	Desenvolvimento local a partir de uma perspectiva de gênero.	Moema de Rezende Vergara	GÊNERO E URBANISMO
VIII ENANPUR	História urbana na França e no Brasil: estudo comparativo e ensaio interpretativo das relações sociais de gênero no meio urbano.	Françoise Dominique Valéry	ENFOQUE HISTÓRICO
XII ENANPUR	Saber, cultura e práticas ambientais: sociabilidades inscritas no cotidiano das mulheres da Ilha de Caratateua na fronteira com a cidade.	Maria das Graças da Silva	GÊNERO E URBANISMO
XIII - ENANPUR	Mulheres da APA Cantareira. Gênero, identidade e sustentabilidade na região Bragantina - SP.	Almerinda Antonia Barbosa Fadini, João Luiz Hoeffel, Aurora Naívean de Moraes e Castro, Anderson Matos Teixeira, Cerise Rocha de Jesus	GÊNERO E URBANISMO
XIV ENANPUR	Mulheres, territorialidades e conflitos: gênero na fronteira Cerrado/Amazônia.	Gleys Ially Ramos dos Santos, Alex Ratts	GÊNERO E URBANISMO
XIV ENANPUR	Espaços migratórios na fronteira: imigração boliviana e gênero.	Roberta Guimarães Peres, Rosana Baeninger	GÊNERO E URBANISMO
XIV ENANPUR	Do cárcere: uma discussão sobre a espacialidade cotidiana de mulheres encarceradas na cidade de Ponta Grossa, Paraná.	Karina Eugenia Fioravante, Joseli Maria Silva	OUTRAS
XV ENANPUR	Urbanização e emancipação: a transformação do papel da mulher na imprensa feminina do Rio de Janeiro.	Clarice Rodrigues de Carvalho	ENFOQUE HISTÓRICO
XV ENANPUR	Práticas cotidianas e reprodução social.	Ana Izabel Moura de Carvalho	GÊNERO E URBANISMO
XVI ENANPUR	A Lei Maria da Penha como política pública de atendimento às mulheres vítimas de violência.	Aline Nandi, Rosane Maria Kaspary, Dorneles Sita Fagundes, Raquel Maria Caetano	OUTRAS
XVI ENANPUR	Uma cidade indiferente: espaço genericado de resistência à cidade mercadoraria.	Rossana Brandão Tavares	GÊNERO E URBANISMO

³⁹ O trabalho "Meu corpo, minhas redes: a marcha das vadias do Rio de Janeiro" de Leo Name e Júlia P. Zanetti não foi considerado para análise, pois, o texto utiliza o movimento feminista como exemplo para avaliar a relação entre esta manifestação e as novas tecnologias.

XVI ENANPUR	O exercício de atravessar a cidade pela narrativa de Carolina Maria de Jesus.	Gabriela Leandro Pereira	GÊNERO E RAÇA
XVII ENANPUR	As mulheres na disputa pelo território: sobre autonomia e direito à moradia.	Ana Flávia Costa da Silva	GÊNERO E URBANISMO
XVII ENANPUR	Gênero e planejamento urbano: trajetória recente da literatura sobre essa temática.	Ágar Camila Mendes Saraiva	GÊNERO E URBANISMO
XVII ENANPUR	Práticas sociais de resistência na perspectiva de gênero contra indiferença à diferença: por um planejamento de possibilidades.	Rossana Brandão Tavares	GÊNERO E URBANISMO
XVII ENANPUR	Urbanismo feminista.	Karen Ferreira, Gleyton Robson da Silva	GÊNERO E URBANISMO
XVII ENANPUR	Feminismo e o espaço urbano: apontamentos para o debate.	Natália Alves da Silva, Daniela Faria, Marília Pimenta	GÊNERO E URBANISMO
XVII ENANPUR	Insurgência feminina: a ética do cuidado e a luta contra a remoção.	Poliana Monteiro, Mariana Medeiros, Luiza Nasciut	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	A produção feminista do espaço: costurando uma colcha epistêmica para pensar a cidade e as lutas urbanas.	Poliana Gonçalves Monteiro	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Estudos feministas sobre a questão urbana: abordagens e críticas.	Carolina Alvim de Oliveira Freitas	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Mulheres e bicicletas em São Paulo: reflexões sobre gênero, mobilidade ativa e desigualdades no uso do espaço urbano.	Marina Kohler Harkot	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Percursos femininos no espaço urbano: da teoria à prática das trajetórias cotidianas da mulher em Macapá – AP.	Chrys de Araújo Oliveira	ENFOQUE HISTÓRICO
XVIII ENANPUR	Cidade, gênero e infância.	Ana Gabriela Godinho Lima, Rodrigo Mindlin Loeb, Débora Sanches	OUTRAS
XVIII ENANPUR	O caminhar é para todas? Uma abordagem de mulheres latino-americanas sobre derivas e flâneries na contemporaneidade.	Adriana Gomes do Nascimento, Alice Saute Leitão, Ana Luiza Ribeiro Carvalho, Thais de Almeida Gonçalves	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Repensando a mobilidade urbana a partir da perspectiva de gênero.	Daniela Abritta Cota	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	A mobilidade nas cidades da metrópole: uma questão de gênero.	Lua Almeida Bittencourt Gonçalves, Mariana Braga Albuquerque	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Mulheres, direito e movimentos sociais: etnografia da advocacia feminista e antirracista no Brasil.	Andressa Lidicy Morais Lima	GÊNERO E URBANISMO

XVIII ENANPUR	"Transformação pra poder existir". Uma análise sobre a presença das mulheres a partir das pesquisas desenvolvidas nos PPG em planejamento urbano e regional no Brasil (2014-2018).	Rutileia Lima Almeida, Caroline Laíza Negherbon, Mariane Paduan Florsz, Leonardo Brandão	ENFOQUE HISTÓRICO
XVIII ENANPUR	Desenvolvimento regional e gênero: mapeamento da formação docente e da produção intelectual nos PPG em planejamento urbano e regional da Região Sul do Brasil.	Luciana Butzke, Ivo Marcos Theis, Caroline Laíza Negherbon, Vivian C Brito	ENFOQUE HISTÓRICO
XVIII ENANPUR	Pobreza multidimensional das mulheres chefes de família da Região Nordeste.	Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira, Jandir Ferrera de Lima	OUTRAS
XVIII ENANPUR	Políticas territoriais e centralidade de gênero: Estudo sobre políticas públicas e empoderamento feminino entre pescadoras artesanais.	Victorya Elizabete Nipo, Winifred Knox	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Cidade, gênero e classes sociais.	Andreza Rohem Gualberto, Silvana Cristina da Silva	GÊNERO E URBANISMO
XVIII ENANPUR	Ensaio sobre o direito à moradia de interesse social em favor da mulher no sistema de políticas públicas de habitação: a Comunidade Novo Bairro.	Arleide Meylan	GÊNERO E ARQUITETURA
XIX ENANPUR	Gênero, Colonialidade e Direito à Cidade.	Germana Pires Coriolano, Eduardo Alberto Cuscé Nobre	GÊNERO E URBANISMO
XIX ENANPUR	Cidades inclusivas para as mulheres. O papel do Conselho de Arquitetura Urbanismo em pugnar pelo direito das mulheres à cidade.	Daniela Pareja Garcia Sarmento, Ana Laterza	ENFOQUE HISTÓRICO
XIX ENANPUR	Os limites para o Direito à Cidade das mulheres no Brasil: uma problematização da política urbana brasileira a partir das desigualdades de gênero.	Kamila Anne Carvalho da Silva, Elisa da Costa Siqueira	GÊNERO E URBANISMO
XIX ENANPUR	Seria Pouso Alegre uma cidade feminista? Ensaio para esperar em Pouso Alegre - Minas Gerais, a partir da perspectiva de gênero.	Maria Fernanda Sena Gusmão, Mariana Dominato Abrahão Cury	ENFOQUE HISTÓRICO
XIX ENANPUR	A utopia do direito à cidade: apropriação do espaço urbano pelas mulheres.	Soraya Nó, Cora Destefani de Sousa, Isadora Nascimento de Deus	GÊNERO E URBANISMO
XIX ENANPUR	A violência contra as mulheres e o direito à cidade.	Poliana Gonçalves Monteiro	OUTRAS
XIX ENANPUR	Mulheres e o direito à cidade: análise cartográfica e interseccional da rede de apoio às mulheres vítimas de violência em Porto Alegre/RS.	Kátia Ferreira de Oliveira, Geisa Bugs	GÊNERO E URBANISMO

XIX ENANPUR	Os impactos do programa habitacional Morar Feliz em Campos dos Goytacazes/RJ no cotidiano de mulheres empobrecidas chefes de família monoparental.	Gabriela Santos de Carvalho	GÊNERO E ARQUITETURA
XIX ENANPUR	Potencialização do uso da bicicleta por mulheres utilizando tecnologias em rede na cidade Senciente.	Natália Marques Carvalho, Clarissa Ribeiro Pereira de Almeida, Lara Sucupira Furtado	GÊNERO E URBANISMO
XIX ENANPUR	De Ocupação à Casa de Referência da Mulher: Tina Martins, em Belo Horizonte - MG e a práxis de enfrentamento interseccional pelo direito à cidade.	Laís Rolla Paula Mota, Daniela Abritta Cota	ENFOQUE HISTÓRICO
XX ENANPUR	Bordando o desenvolvimento: identidades regionais e de gênero em questão no território do Seridó, sertão potiguar.	Pedro Henrique Bezerra de Farias, Winifred Knox	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	O papel das mulheres e suas representações: Revista Brasília, 1957 a 1963.	Maribel Aliaga Fuentes, Ana Elisa Carnaúba, Byanca Bomtempo	ENFOQUE HISTÓRICO
XX ENANPUR	A contribuição da ecologia política feminista para o planejamento territorial: o debate da insegurança hídrica e gênero.	Veridiana Emilia Godoy, Vanessa Lucena Empinotti	OUTRAS
XX ENANPUR	Imigração, políticas e islamofobia de gênero no território Europeu.	Grazielle Betina Brandt, Bruno Mendelski de Souza, Mariana Dalalana Corbellini	OUTRAS
XX ENANPUR	Mobilidade e vivência de mulheres na cidade de Presidente Prudente/SP: Um estudo de caso por meio de percursos urbanos acompanhados.	Júlia Russi Zanon Daiane, Regina Lopes Sentoma	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	Mobilidade urbana com perspectiva de gênero: estudo comparativo dos trajetos diários de homens e mulheres com alto nível socioeconômico e escolaridade em Curitiba.	Agnes Silva de Araújo, Phamela Alves Eloísa Parteka, Rafael Bosa Geisa, Tamara Bugs	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	Mulher em cargos públicos na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro: desafios para romper o teto de vidro.	Kamilla da Silva Duarte, Andrea Justino Ribeiro Mello, José André Villas Boas Mello	ENFOQUE HISTÓRICO
XX ENANPUR	Políticas de abordagem territorial e seus impactos na vida de mulheres: o caso do comitê dona Zizi no território do Mato Grande - RN.	Jeam Claude de Souza Gomes, Winifred Knox	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	Se essa rua fosse nossa: diretrizes de projeto a partir de narrativas femininas para a rua Expedicionário Brasileiro em Arapiraca-AL.	Thatyane Pereira Melo da Silva, Alice de Almeida Barros	GÊNERO E URBANISMO

XX ENANPUR	Análise crítica de uma experiência de assessoria técnica (em edital) com mulheres.	Thaís Matos Moreno, Francisca Bruna Santiago Viana Cavalcante, Júlia Brito Mafaldo	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	Cooperativismo, mulheres e desenvolvimento regional: relações possíveis?	Daniela Fonseca Da Silva, Anelise Graciele Rambo	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	Cuidar é verbo coletivo: a relevância do trabalho de reprodução coletivo desempenhado cotidianamente pelas mulheres das Ocupações da Izidora.	Izabella Sathler Rodrigues Lourenço, Clarissa Vaz Rodrigues Gomes, Tiago Castelo Branco Lourenço, Thiffani Martineli	OUTRAS
XX ENANPUR	Território e feminismos na América Latina.	Marina Rago Moreira	GÊNERO E URBANISMO
XX ENANPUR	Violência contra mulheres: a realidade interseccional dos territórios cariocas (2018-2020).	Joice de Souza Soares Rocha Leão	OUTRAS
XX ENANPUR	Saúde das mulheres negras: resistências na vida cotidiana.	Jheyciele Naira dos Santos, Sérgio Moreno Redon	GÊNERO E RAÇA
XX ENANPUR	Das mulheres de luta ao plano popular para o futuro melhor.	Camila Savioli Silveira	GÊNERO E URBANISMO

Apêndice 02 - Relação de comunicações seleccionadas sobre gênero no SHCU

SHCU	TÍTULO	AUTOR/ AUTORES	CATEGORIA
2º SCHU	Espaços negros em Salvador no século XIX.	Ana de Lourdes Ribeiro da Costa	GÊNERO E RAÇA
6º SCHU	"La Belle Époque" em Natal: vida cotidiana e práticas sociais na cidade de Natal na década de vinte, numa perspectiva de gênero.	Françoise Dominique Valéry	ENFOQUE HISTÓRICO
6º SCHU	Mulheres urbanas.	Wilcevanda de Oliveira Freitas	GÊNERO E URBANISMO
7º SCHU	A mulher na cidade Salvador, 1915-1930.	Anete Regis Castro de Araújo	ENFOQUE HISTÓRICO
16º SCHU	A cidade é delas? Ampliando imaginários e perspectivas na prática e no ensino da arquitetura e urbanismo.	Diana Bogado, Carolina Peterli, Ana Caroline Penna, Alyssa Volpini	GÊNERO E ARQUITETURA
16º SCHU	Arquitet@s negr@s e a história: Georgia Brown, a metropolização de São Paulo e seus fantasmas.	Juan Casemiro, José Lira	GÊNERO E RAÇA
17º SCHU	Da formação da casa brasileira e de espaços segregados à construção de narrativas e experiências feministas.	Flávia Nacif da Costa	OUTRAS
17º SCHU	Mulheres e imóveis urbanos na Vila Boa do século XIX: por outras narrativas de história da cidade.	Nádia Mendes de Moura	ENFOQUE HISTÓRICO

Apêndice 03 - Relação de comunicações selecionadas sobre gênero no ENANPARQ⁴⁰

ENANPARQ	TÍTULO	AUTOR/ AUTORES	CATEGORIA
I ENANPARQ	As transformações do espaço doméstico e a contribuição do trabalho feminino na modernização da sociedade brasileira.	Ana Paula Koury, Elaine Pereira da Silva	GÊNERO E ARQUITETURA
III ENANPARQ	A questão do gênero no processo de projeto em arquitetura e design.	Ana Gabriela Godinho Lima	GÊNERO E ARQUITETURA
III ENANPARQ	Mulheres e o Prêmio Pritzker: estudos de Caso.	Paula Donegá de Castro	ENFOQUE HISTÓRICO
IV ENANPARQ	Imaginário espacial e representações da "mulher moderna" nos periódicos brasileiros de moda e decoração (1960-1970).	Pamela Bostelmann, Marinês Ribeiro dos Santos	ENFOQUE HISTÓRICO
IV ENANPARQ	Percurso e deslocamentos urbanos de mulheres negras no pós-abolição em São Carlos - SP: entre o espaço público e o doméstico.	Joana D'Arc de Oliveira, Maria Angela Pereira de Castro, Silva Bortolucci	GÊNERO E RAÇA
IV ENANPARQ	Esposas: atuações em Arquitetura, Interiores e Design.	Andréa Gáti	ENFOQUE HISTÓRICO
IV ENANPARQ	A Casa moderna: modos de usar.	Silvana Rubino	GÊNERO E ARQUITETURA
IV ENANPARQ	O "quartinho de empregada" e seu lugar na morada brasileira.	Maíra Boratto Xavier Viana, Ricardo Trevisan	GÊNERO E RAÇA
V ENANPARQ	Discriminação de gênero em arquitetura: o campo profissional pela perspectiva da mulher arquiteta.	Karla do Carmo Caser	GÊNERO E ARQUITETURA
V ENANPARQ	Métodos de planejamento com perspectiva de gênero: análise de guias para cidades com inclusão de gênero	Giovanna Merli, Maria Eliza Alves Guerra	GÊNERO E URBANISMO
V ENANPARQ	Ideologia e projeto: o patriarcado na cidade	Giovanna Merli, Maria Eliza Alves Guerra	GÊNERO E URBANISMO
V ENANPARQ	Insurgências urbanas e femininas como práticas correlatas para resistência territorial	Carolina Guida Cardoso do Carmo	GÊNERO E URBANISMO
VI ENANPARQ	Arquitetura de Fronteir[a]: mulheres entre Brasil/Venezuela	Júlia Silva Coutinho, Ricardo Trevisan	GÊNERO E URBANISMO
VI ENANPARQ	Gênero e políticas da mobilidade a pé: enfoques para o planejamento urbano.	Nathalie Prado	GÊNERO E URBANISMO
VI ENANPARQ	Marcas urbanas das mulheres residentes em conjuntos habitacionais degradados na cidade de Maceió/AL: o que dizem os Mapas Perceptivos?	Beatriz Palmeira Melo Simões, Verônica Robalinho Cavalcanti, Geraldo Majela Gaudêncio Faria	GÊNERO E URBANISMO

⁴⁰ Importante destacar que no site oficial do evento, na parte destinada à apresentação dos resumos, a comunicação intitulada "Gênero, cidade e arquitetura: um olhar através da produção acadêmica da Universidade Federal da Bahia, 1980-2019" aparece com um único autor, mas o trabalho foi escrito por mais duas autoras. Isso indica que podem haver outras situações de divergências de informações desse tipo.

VI ENANPARQ	Arquitetura para mulheres em territórios vulneráveis.	Ana Gabriela Godinho Lima, Laura Paes Barretto Pardo	GÊNERO E ARQUITETURA
VI ENANPARQ	O lugar das arquitetas na arquitetura brasileira contemporânea.	Camila Guerreiro Reis	ENFOQUE HISTÓRICO
VI ENANPARQ	A mulher na paisagem excluída: uma disputa de poder?	Bárbara Boy Oliveira	GÊNERO E URBANISMO
VI ENANPARQ	Gênero, cidade e arquitetura: um olhar através da produção acadêmica da Universidade Federal da Bahia, 1980-2019.	José Carlos Huapaya Espinoza, Jaiane Damasceno Eloy, Laís Barbosa Nolasco	ENFOQUE HISTÓRICO
VI ENANPARQ	A transformação da mulher japonesa: Pao, a instalação-manifesto de Toyo Ito e Kazuyo Sejima.	Izabela Brettas Baptista	ENFOQUE HISTÓRICO
VI ENANPARQ	Memórias de mulheres em movimento: Eva, Creuza, Lourdes e os inícios do Paranoá - DF.	Leila Saads	ENFOQUE HISTÓRICO
VII ENANPARQ	A construção de comuns urbanos na Zona Leste de São Paulo.	Nathalia Oliva, Eneida Almeida	GÊNERO E URBANISMO
VII ENANPARQ	Mulheres e autogestão: o papel das mulheres na construção de territorialidades em ocupações de moradia.	Júlia Oliveira Rodrigues, Maria Carolina Maziviero	GÊNERO E URBANISMO
VII ENANPARQ	A questão do gênero e sua influência na arquitetura e na cidade.	Gisele Montalvão Freixo, Maria Clara Bastos Pires, Anna Beatriz Caldas Santana, Mateus Elias Mustafa Torres	GÊNERO E URBANISMO
VII ENANPARQ	Aa mulheres retratadas na revista Brasília.	Maribel Aliaga Fuentes, Ana Elisa Carnaúba, Amanda Oliveira, Byanca Bomtempo, Lorena Abreu	ENFOQUE HISTÓRICO
VII ENANPARQ	Teoria e método para uma pesquisa de história da arquitetura com perspectiva de gênero.	Vanessa Calazans da Rosa	ENFOQUE HISTÓRICO
VII ENANPARQ	Um olhar decolonial sobre a formação e expansão urbana do centro histórico de São Luís (MA): as perspectivas das mulheres negras.	Larissa Bianca Anchieta Grete Soares Pflueger	GÊNERO E RAÇA
VII ENANPARQ	Grafites pintados por mulheres no centro de São Paulo: Tarsila como inspiração.	Larissa Verticchio Pichini, Eneida de Almeida	OUTRAS
VII ENANPARQ	Política urbana, pandemia da Covid-19 e recorte de gênero na América Latina e Caribe.	Daniela Braga Santos, Carolina Pescatori Candido da Silva, Pedro Henrique Máximo Pereira	GÊNERO E URBANISMO
VII ENANPARQ	Perspectivas de uma pesquisa extensionista a partir da reprodução social na área portuária do Rio de Janeiro.	Tayná Silva, Rossana Brandão Tavares	GÊNERO E URBANISMO

